

TEMPOS SOCIAIS DE JOVENS NO BRASIL URBANO¹

André Gambier Campos²
Marcelo de Jesus Phintener³

1 INTRODUÇÃO⁴

1.1 Os conceitos de tempo

O atual conceito de tempo, próprio da modernidade ocidental, despontou no contexto da racionalização das esferas da vida econômica, social, política e cultural. De acordo com a interpretação weberiana, ele se constituiu por volta do século XV, no bojo da Revolução Urbana e Comercial, e desenvolveu-se a partir do século XVIII, como uma das instituições centrais da Revolução Industrial.⁵

Esse conceito de tempo desligou-se de eventos concretos e vinculados à natureza, tornando-se abstrato e associado ao intelecto humano. Passou a ser mensurável e divisível até sua última fração, preciso e previsível como os instrumentos concebidos para apreendê-lo. Tornou-se um tempo contínuo e acumulável, utilizado como espelho ou equivalente de quaisquer recursos (como o capital). Apesar de aplicável a cada indivíduo isoladamente, passou a ser referência única e universal das sociedades como um conjunto.⁶

Esse processo de racionalização do conceito de tempo foi levado às últimas conseqüências em um âmbito particular: o econômico (e, mais especificamente, o laboral). O trabalho foi pensado sobre novas bases, de maneira a assumir, ele mesmo, os atributos temporais anteriormente mencionados, como a mensurabilidade, a divisibilidade, a previsibilidade, a continuidade, a cumulatividade etc. Isso se mostrou especialmente verdadeiro para o trabalho de espécie mais abstrata, como o industrial.

1. Os autores agradecem a Carlos Henrique Leite Corseuil, Enid Rocha Andrade da Silva, Fábio Monteiro Vaz, Henrique Tadeu de Pina Jayme, Herton Ellery Araújo, Izabella Mendes Hatadani, Leonardo Alves Rangel, Paulo Roberto Corbucci e Rosana Ulhôa Botelho. Ressalve-se, entretanto, que eventuais insuficiências e equívocos presentes neste texto são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2. Técnico de planejamento e pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea. *E-mail*: <andre.campos@ipea.gov.br>.

3. Técnico de planejamento e pesquisa da Secretaria de Orçamento e Planejamento Participativo (SOPP) da Prefeitura Municipal de Santo André (PMSA). *E-mail*: <mjphintener@santoandre.sp.gov.br>.

4. Esta seção é baseada em Campos (2012).

5. Para além da interpretação weberiana, uma interpretação marxista do conceito de tempo (em especial, do conceito de tempo de trabalho) é discutida em detalhes em Bernardo (1985; 1989; 1991; 1998; 2006) e Santos (1997; 2001). Ver Cardoso (2009a; 2009b).

6. Ver Cardoso (2009a; 2009b).

Seja como for, em outros âmbitos da vida das sociedades modernas, como o social, o político e o cultural, o avanço desse processo de racionalização foi truncado, possibilitando a sobrevivência de outros conceitos temporais, com atributos bastante diferenciados. É justamente essa constatação que permite a grafia da palavra “tempo” em sua forma plural, sinalizando para a convivência de temporalidades bastante distintas nessas sociedades.⁷

É verdade que o tempo vigente no âmbito econômico (e, mais propriamente, no laboral) acabou por tornar-se a referência das sociedades modernas, alçado a uma situação de primazia. Mas é importante ressaltar que essa primazia não se mostrou absoluta, pois outros tempos (vigentes nos âmbitos social, político e cultural) continuaram a existir. Em alguma medida, é essa multiplicidade que é estudada neste trabalho, sob a rubrica de *tempos sociais*, como visto a seguir.

1.2 Os tempos sociais

Os fenômenos analisados neste capítulo são os tempos sociais, consumidos por jovens de 15 a 29 anos de idade, de ambos os sexos, em atividades típicas do cotidiano nas áreas urbanas do Brasil. Essas atividades são várias e incluem estudo, trabalho, deslocamento, culto, associativismo, esporte e lazer; além de outras próprias do ciclo vital dos jovens, como alimentação e descanso.

Ainda que a definição desses tempos pareça frágil do ponto de vista teórico, ela é utilizada por parcela relevante da literatura sobre o assunto.⁸ Essa literatura discorre sobre os tempos sociais em dois registros distintos, ainda que não independentes: o macro e o micro.

O registro macro de discussão diz respeito às maneiras pelas quais países como o Brasil instituem regulações sobre tais tempos. Essas regulações podem incidir sobre aspectos bastante variados, como a duração, a distribuição, a composição e a intensidade dos tempos sociais.

Ademais, tais regulações podem ser instituídas por diferentes atores econômicos, sociais, políticos e culturais, como as empresas, os sindicatos, as igrejas e também o Estado. Esses atores podem negociar de modo multilateral sobre como devem ser tais tempos; ou, então, algum deles pode impor as regulações de forma unilateral (como frequentemente o faz o Estado).

7. Ver Cardoso (2009a; 2009b).

8. Ver Cardoso (2009a; 2009b), Cardoso *et al.* (2011) e Rosso (1998; 2006; 2008).

No registro macro de debate, o foco é principalmente o tempo de trabalho, objeto de regulações no país desde o início do século XX.⁹ Como já exposto, esse tempo (no singular) é o mais relevante de todos os tempos sociais, no sentido de que ele é uma referência primordial de economias e sociedades capitalistas, como a brasileira. Os demais tempos (como os de estudo, deslocamento, culto, associativismo, esporte e lazer etc.) se definem, em larga medida, de acordo com a duração, a distribuição, a composição e a intensidade do tempo de trabalho.¹⁰

Seja como for, mais além do macro, pode-se também adentrar pelo registro micro da discussão, que se refere às variadas formas pelas quais os jovens vivenciam seus tempos sociais. Vale destacar que essa vivência não se dá de maneira simplesmente casual, voluntária ou anômica, mas sim sob as regulações já mencionadas no registro macro.

Mas, mesmo se dando sob tais regulações, a experiência desses tempos adquire sentidos distintos, conforme a vinculação econômica, social e política dos jovens. Por exemplo, com base nos dados expostos neste trabalho, é possível afirmar que aqueles do sexo masculino vivenciam seus tempos de trabalho de modos diferentes daqueles do sexo feminino. Ainda que seja apenas um exemplo, ele mostra que, no registro micro do debate, já não se fala mais em *tempo* no singular, mas sim no plural (dada a pluralidade de suas vivências).

Acrescente-se que, diante dessa pluralidade, instauram-se disputas entre os tempos sociais, cada qual pleiteando a primazia pelas 24 horas que compõem o dia dos jovens.¹¹ Ainda que, como visto no registro macro, o tempo de trabalho quase sempre conte com tal primazia em economias e sociedades como a brasileira, os resultados dessas disputas não são dados *ex ante*, mas sim são alcançados por meio das denominadas “equações temporais”, que propiciam soluções de compromissos pelas 24 horas que compõem cada dia.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Quais aspectos metodológicos devem ser levados em conta ao analisar as informações apresentadas neste estudo? São diversos, que dizem respeito aos dados utilizados, aos procedimentos aplicados e assim por diante. Esses aspectos não devem ser desconsiderados, pois eles estabelecem tanto as possibilidades quanto as limitações para a análise dos tempos sociais dos jovens.

9. O tempo de trabalho (ao menos para o vínculo dominante em economias como a brasileira – o vínculo assalariado) foi historicamente regulado, em seus parâmetros máximos e gerais, pelo Ministério do Trabalho, bem como por um conjunto de instituições complementares (por exemplo, a Justiça do Trabalho). A jornada diária e semanal admitida para um trabalhador subordinado/assalariado foi estipulada, como regra, em 8 e 48 (e depois 44) horas, respectivamente. Ver Fracalanza (2001) e Rosso (1998; 2008). Outro tempo importante para a análise deste texto, o de estudo em instituições de ensino regular, em níveis tão distintos como os de ensino fundamental, médio e superior, foi historicamente regulado, em seus parâmetros mínimos e gerais, pelo Ministério da Educação – que definiu, por exemplo, a jornada diária, semanal, mensal ou anual mínima dos alunos em cada um desses níveis.

10. Ver Campos (2012), Cardoso (2009a), Lee, McCann e Messinger (2009) e Rosso (2008).

11. Ver Cardoso (2009a; 2009b; 2010).

Os dados são oriundos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em seus levantamentos anuais, essa pesquisa verifica a duração e a composição de alguns tempos consumidos em atividades próprias do cotidiano, especialmente nas áreas urbanas do país. Entre essas atividades, destacam-se: frequentar a escola (ou a universidade),¹² trabalhar e deslocar-se (entre a casa, o trabalho e a casa), bem como realizar atividades de cuidados com o domicílio (ou a família).¹³

Note-se que a Pnad/IBGE não é propriamente uma pesquisa de *uso do tempo*, tal como são conhecidas as pesquisas dedicadas às dinâmicas temporais na sociedade.¹⁴ *Grosso modo*, essas pesquisas averiguam quais atividades são realizadas pelos jovens (entre outros indivíduos); em quais momentos do dia, da semana, do mês ou do ano; os lapsos de tempo que são dedicados à realização dessas atividades etc. Ainda que sejam comuns em diversos países, no Brasil, ainda não há pesquisas dedicadas a tais dinâmicas temporais, ao menos com temática ampla, regularidade razoável e cobertura nacional.¹⁵

Como a Pnad/IBGE não é uma pesquisa de uso do tempo, a utilização de seus dados faz com que a análise resultante tenha várias limitações. Apesar disso, o uso desses mesmos dados abre possibilidades interessantes, ao menos no que se refere aos tempos de estudo, trabalho, deslocamento (relacionado ao trabalho) e cuidado domiciliar.¹⁶ Essas são as espécies temporais que são objeto de análise neste estudo, sendo que as suas informações passaram pelos procedimentos seguintes.

- 1) Dado que a Pnad/IBGE não capta o tempo que os jovens despendem na escola (seja o diário, o semanal, o mensal ou o anual), o tempo de estudo neste trabalho corresponde a uma imputação, com base: *i*) na própria Pnad/IBGE, que investiga se os jovens frequentam a escola;¹⁷ *ii*) nas normas do Ministério da Educação (MEC), que definem a jornada diária mínima por cada nível de escolarização (fundamental, médio, superior etc.). Com isso, é possível estimar o número de horas consumidas na escola, em um dia útil ordinário.

12. Neste trabalho, ao se referir à participação dos jovens na escola, pode estar se referindo alternativamente à participação dos jovens na universidade.

13. Neste estudo, ao se referir à participação dos jovens no cuidado com o domicílio, pode estar se referindo alternativamente à participação dos jovens no cuidado com a família.

14. Descrições sobre como o IBGE tentou efetuar recentemente uma pesquisa dedicada às dinâmicas temporais podem ser encontradas em Cavalcanti, Paulo e Hany (2010) e IBGE (2009).

15. Descrições de experiências internacionais de realização de pesquisas dedicadas às dinâmicas temporais podem ser encontradas em United States of America (2014) e Department of Economic and Social Affairs of the United Nations (2004).

16. Outras espécies de temporalidades, importantes para compreender o conjunto dos tempos sociais no cotidiano urbano brasileiro, não são estudadas neste trabalho, por não terem informações captadas pela Pnad/IBGE. Entretanto, ainda que com base em outra fonte de dados, essas outras espécies temporais já foram estudadas em outro trabalho, como pode ser visto em Campos (2012).

17. Variável V0602 na Pnad/IBGE 2003 e na Pnad/IBGE 2013.

- 2) Visto que a Pnad/IBGE capta o tempo semanal que os jovens despendem no trabalho (principal, secundário etc.),¹⁸ o tempo de trabalho é calculado, considerando: *i*) todos os trabalhos que possuem; *ii*) a semana com cinco dias úteis (cada vez mais comum no país, seja por meio da redução, seja por meio da compensação de jornada).¹⁹ Dessa forma, consegue-se definir o número de horas consumidas no trabalho, em um dia útil ordinário.
- 3) Como a Pnad/IBGE capta o tempo diário de percurso de casa até o trabalho,²⁰ para os jovens que trabalham e vão direto de casa para o trabalho (que são a ampla maioria dos que trabalham), o tempo de deslocamento casa-trabalho-casa é calculado simplesmente dobrando o tempo de percurso registrado na Pnad/IBGE. Assim, é possível chegar ao número de horas consumidas no deslocamento casa-trabalho-casa, em um dia útil ordinário (considerando uma semana com cinco dias úteis, a mesma usada no cálculo do tempo de trabalho).²¹
- 4) Dado que a Pnad/IBGE capta o tempo semanal que os jovens despendem com a realização de *afazeres domésticos* (segundo a terminologia do IBGE),²² para aqueles que efetivamente os realizam, o tempo de cuidado domiciliar é calculado considerando a semana com sete dias úteis (hipótese mais provável para a realização de *afazeres domésticos*). Desse modo, pode-se estabelecer o número de horas consumidas no cuidado com o domicílio, em um dia útil ordinário (que, no caso, corresponde a todo e qualquer dia da semana).

A referência para analisar os tempos de estudo, trabalho, deslocamento e cuidado domiciliar neste texto, como já pôde ser notado, é o *dia útil ordinário*, que é aquele lapso de 24 horas, que inclui dia e noite, em que os jovens realizam suas atividades mais prosaicas e reiteradas (ir à escola, comparecer ao trabalho, cuidar do domicílio etc.). Aliás, a escolha do dia (e não da semana, do mês, do ano ou de outro lapso ainda mais extenso de tempo) é por conta de ele favorecer um foco mais próximo a esse cotidiano, prosaico e reiterado.

18. Variáveis V9058, V9101 e V9105 na Pnad/IBGE 2003 e na Pnad/IBGE 2013.

19. Ver Campos (2012).

20. Variável V9057 na Pnad/IBGE 2003 e na Pnad/IBGE 2013. Note-se que essa variável é categórica, de modo que ela é tratada (por meio de definição de pontos médios das categorias) para se *tornar* numérica.

21. Reitere-se que a Pnad/IBGE capta somente o tempo diário de percurso de casa até o trabalho (e apenas para os jovens que se dirigem diretamente de casa para o trabalho, ainda que estes sejam a ampla maioria dos que trabalham). Ou seja, entre outras limitações do tempo de deslocamento utilizado neste estudo, mencione-se que ele não capta o número de horas diariamente consumidas no percurso que envolve a escola (do domicílio para a escola, do trabalho para a escola etc.), nem o número de horas consumidas nos percursos que envolvem outras instituições (igreja, sindicato, clube, comércio etc.).

22. Variável V9921 na Pnad/IBGE 2003 e na Pnad/IBGE 2013.

Por fim, apenas mencione-se que a unidade de mensuração de cada tempo analisado neste estudo é a unidade-hora, inteira ou fracionada (importante ressaltar que, quando fracionada, não é unidade-minuto). Ou seja, quando se afirma que o tempo médio de trabalho das jovens entre 15 e 17 anos de idade é de 6,14 horas diárias, quer-se dizer que esse tempo corresponde a seis horas acrescidas de uma sétima parte de outra hora (e não seis horas e quatorze minutos).

3 JOVENS ESTUDADOS, POR IDADE E SEXO

De forma genérica, a tabela 1 traz informações sobre o número de jovens (de 15 a 29 anos de idade, de ambos os sexos) registrados nas áreas urbanas do país, bem como sobre o total de residentes (jovens ou não, também de ambos os sexos) nessas mesmas áreas.

Em 2003, tais informações apontavam para 41,21 milhões de jovens, o que correspondia a uma participação de 27,9% no total de residentes. Em 2013, esse número de jovens se manteve quase inalterado, ao passo que o de residentes aumentou 22,83 milhões (o que fez com que tal participação se reduzisse para 24,6%).

TABELA 1
População juvenil e população total (2003 e 2013)

População avaliada	2003	2013	Variação (2013-2003)
População juvenil (em milhões) (A)	41,21	41,93	0,72
População total (em milhões) (B)	147,96	170,79	22,83
(A)/(B) (%)	27,9	24,6	-3,3

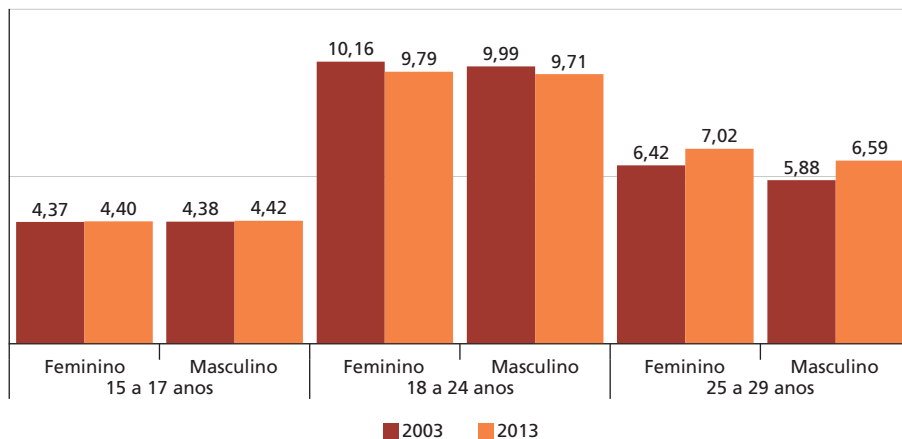
Fonte: Microdados da Pnad/IBGE 2003 e 2013.
Elaboração dos autores.

Mas, de modo mais específico, quais foram os grupos de jovens estudados entre os anos de 2003 e 2013? Foram aqueles que surgiram do cruzamento das variáveis de idade e sexo, sendo a idade restrita às faixas de 15 a 17, 18 a 24 e 25 a 29 anos.

Segundo os dados dos gráficos 1 e 2, entre 2003 e 2013, os grupos de 18 a 24 anos, de ambos os sexos, foram os mais relevantes do ponto de vista numérico, ainda que tenham perdido algo dessa relevância ao longo do tempo, em prol dos grupos de 25 a 29 anos, também de ambos os sexos.

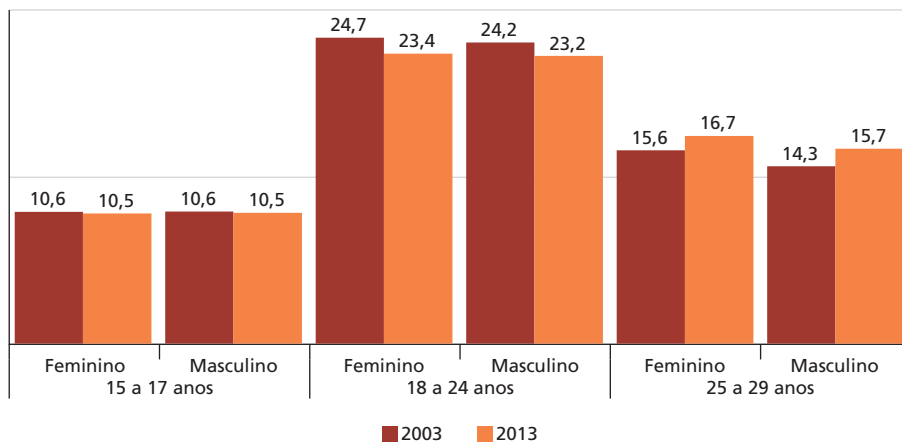
Em 2013, em relação ao total de jovens, a proporção daqueles entre 15 e 17 anos era de 21,0%; a daqueles entre 18 e 24 anos era de 46,6%; já a daqueles entre 25 e 29 anos era de 32,4%. A participação de cada sexo nesses números era bastante semelhante, destacando-se apenas uma proporção ligeiramente superior do sexo feminino na faixa de 25 a 29 anos de idade.

GRÁFICO 1
Grupos de jovens estudados (2003 e 2013)
 (Em milhões)



Fonte: Microdados da Pnad/IBGE 2003 e 2013.
 Elaboração dos autores.

GRÁFICO 2
Grupos de jovens estudados (2003 e 2013)
 (Em %)



Fonte: Microdados da Pnad/IBGE 2003 e 2013.
 Elaboração dos autores.

4 PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO, TRABALHO E CUIDADO DOMICILIAR

Como se distribuíram esses grupos de jovens, levando em conta a sua participação em atividades de estudo, trabalho e cuidado com o domicílio, entre os anos de 2003 e 2013? Os gráficos de 3 a 8 trazem algumas informações a esse respeito.

No que se refere ao estudo, ao longo do período analisado, diminuiu a fração dos que frequentavam a escola (3,2% considerando os jovens como um todo). Mas isso ocorreu por conta daqueles entre 18 e 29 anos (com destaque para os jovens do sexo masculino de 18 a 24 anos); já que, em meio àqueles entre 15 e 17 anos, a frequência até aumentou um pouco (por volta de 0,5%).

Ao final do período, 35,9% dos jovens frequentavam a escola, fração que oscilava de acordo com o sexo e, em especial, com a idade. Ao passar dos 15 para os 29 anos, diminuía acentuadamente essa frequência (restringindo-se a algo em torno de 12% entre aqueles de 25 a 29 anos). E, em paralelo, ao passar do sexo masculino ao feminino, ela aumentava um pouco (em torno de 3%).

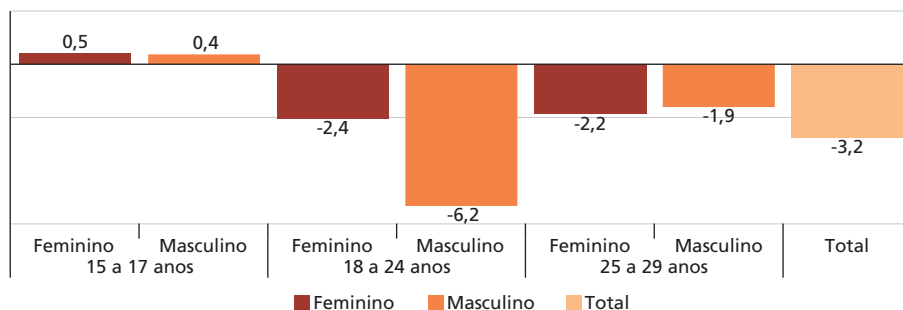
Quanto ao trabalho, entre 2003 e 2013, ampliou-se ligeiramente a proporção dos jovens que se encontravam ocupados (1,7% levando em conta todos os jovens). Isso se deveu àqueles de 18 a 29 anos (destacando-se os jovens do sexo feminino); sendo que, entre aqueles de 15 a 17 anos, reduziu-se a ocupação, especialmente em meio aos do sexo masculino (nada menos que 8,0%).

Em 2013, os jovens que trabalhavam correspondiam a 57,0%, proporção que variava de modo acentuado. Com o avançar da idade, ampliava-se a ocupação (chegando a algo em torno de 76% entre aqueles de 25 a 29 anos). Ademais, ao se passar do sexo feminino para o masculino, também se ampliava a ocupação, ainda que isso tenha se tornado menos evidente, dado o avanço do trabalho junto ao sexo feminino entre 2003 e 2013.

Por fim, no que concerne ao cuidado com o domicílio, no decorrer do período analisado, diminuiu a fração de jovens envolvidos com essa atividade (4,5% considerando os jovens como um todo). Isso ocorreu junto a todas as idades e a ambos os sexos, mas se mostrou particularmente evidente entre os jovens de 15 a 24 anos e do sexo feminino (a diminuição chegou a 7,7% entre aqueles de 15 a 17 anos desse mesmo sexo).

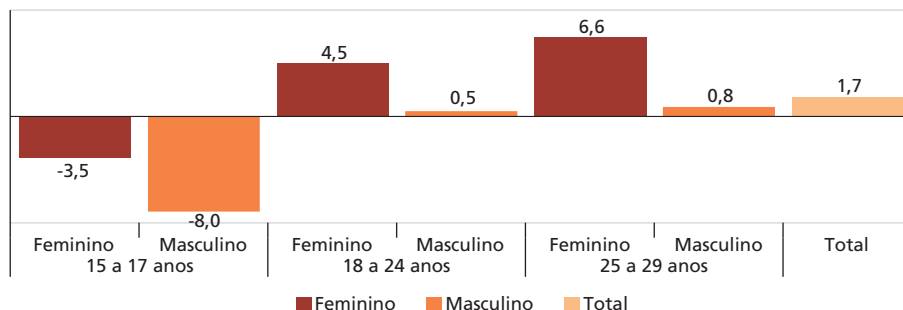
Em que pese essa diminuição, no término do período, 61,3% dos jovens ainda se dedicavam ao cuidado domiciliar, fração que oscilava segundo a idade e, em especial, o sexo. Ao passar dos 15 para os 29 anos, o envolvimento com essa atividade aumentava um pouco; e, ao passar do sexo masculino ao feminino, ele aumentava muito. Mesmo com a diminuição registrada no período analisado, em 2013, o cuidado domiciliar ainda era realizado principalmente pelos jovens do sexo feminino (alcançando 85,8% daqueles entre 25 e 29 anos e desse sexo).

GRÁFICO 3
Varição na proporção de jovens que estudam (2013-2003)
 (Em %)



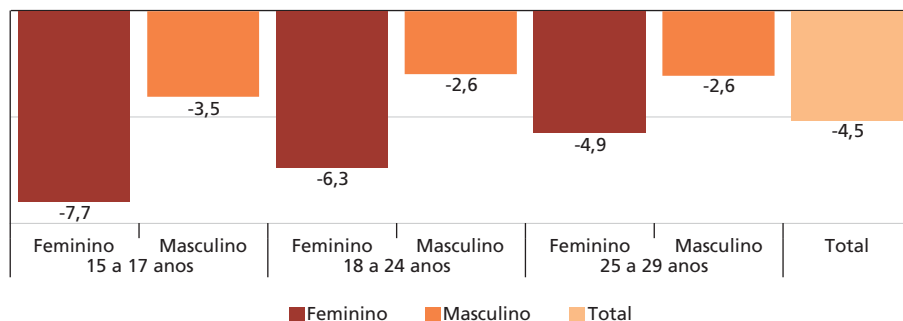
Fonte: Microdados da Pnad/IBGE 2003 e 2013.
 Elaboração dos autores.

GRÁFICO 4
Varição na proporção de jovens que trabalham (2013-2003)
 (Em %)



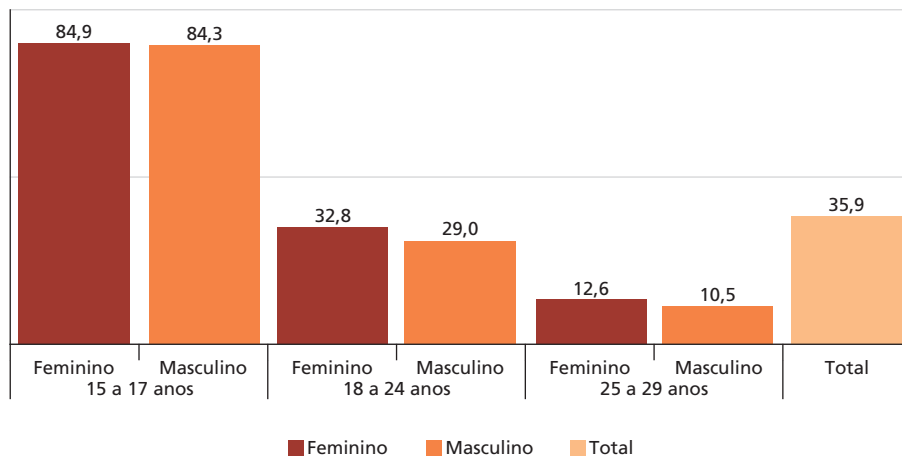
Fonte: Microdados da Pnad/IBGE 2003 e 2013.
 Elaboração dos autores.

GRÁFICO 5
Varição na proporção de jovens que se envolvem com cuidados domiciliares (2013-2003)
 (Em %)



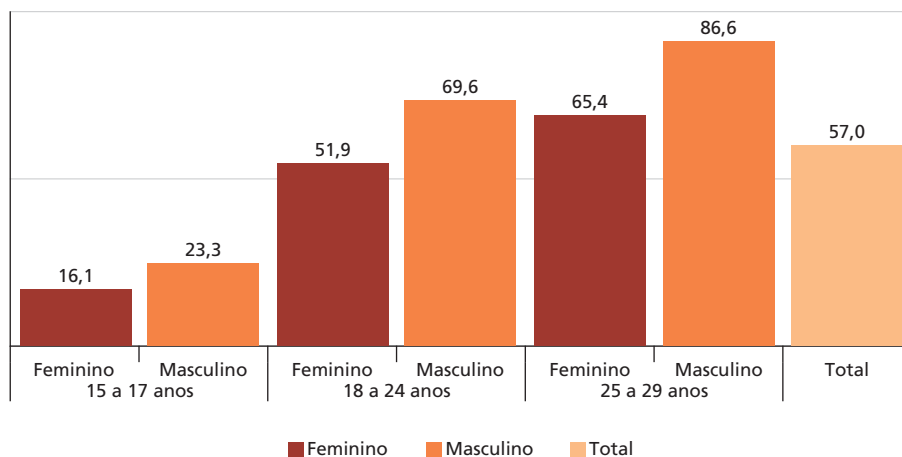
Fonte: Microdados da Pnad/IBGE 2003 e 2013.
 Elaboração dos autores.

GRÁFICO 6
Proporção de jovens que estudam (2013)
 (Em %)



Fonte: Microdados da Pnad/IBGE 2013.
 Elaboração dos autores.

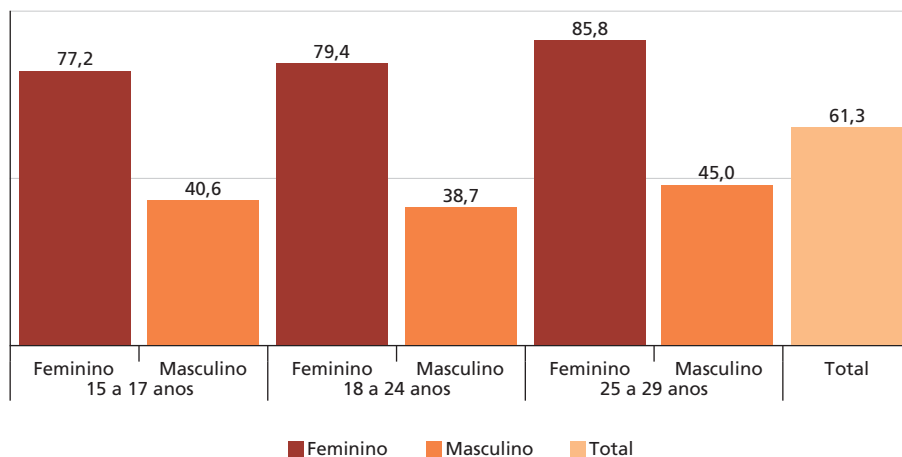
GRÁFICO 7
Proporção de jovens que trabalham (2013)
 (Em %)



Fonte: Microdados da Pnad/IBGE 2013.
 Elaboração dos autores.

GRÁFICO 8

Proporção de jovens que se envolvem com cuidados domiciliares (2013)
(Em %)



Fonte: Microdados da Pnad/BGE 2013.
Elaboração dos autores.

5 VARIAÇÃO DOS TEMPOS SOCIAIS NA DÉCADA

Como variaram os tempos de estudo, trabalho, deslocamento (relacionado ao trabalho) e cuidado domiciliar, em meio a esses grupos de jovens, entre os anos de 2003 e 2013? Os gráficos de 9 a 12 disponibilizam alguns dados sobre isso.

Acerca do tempo despendido no estudo, ele se ampliou um pouco no período considerado (3,4% considerando os jovens como um todo). Essa dinâmica foi mais clara em meio àqueles de 18 a 29 anos e, ademais, entre aqueles do sexo feminino (onde o tempo de estudo chegou a se ampliar em 7,2%). Em outros termos, ainda que tenha se reduzido a proporção de jovens na escola, especialmente daqueles de 18 a 29 anos, como constatado antes, o tempo despendido com estudo se ampliou um pouco, para aqueles que se mantiveram nessas instituições (com destaque para os jovens do sexo feminino).

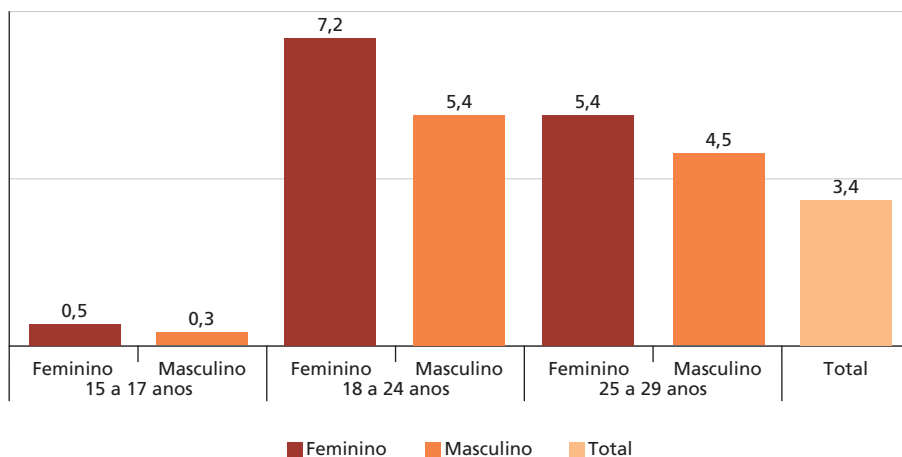
Sobre o tempo consumido com o trabalho, ele diminuiu um pouco no período de 2003 a 2013 (3,5% considerando os jovens como um todo). Mas não parece haver um padrão claro na dinâmica desse tempo, considerando a idade e o sexo dos jovens. De toda maneira, como observado antes, apesar de ter aumentado a fração de jovens que estavam ocupados, principalmente em meio aos grupos femininos de 18 a 29 anos, diminuiu o tempo consumido por tais jovens no trabalho, ainda que de forma apenas ligeira.

Acerca do tempo despendido no deslocamento entre a casa, o trabalho e a casa novamente, ele se ampliou muito no período estudado (8,4% considerando os jovens como um todo). E essa dinâmica foi incisiva entre aqueles do sexo feminino (onde o tempo de deslocamento chegou a se ampliar em 13,8%). Em outras palavras, como visto antes, a fração de jovens ocupados se ampliou no período, especialmente no que se refere aos do sexo feminino. Adicionalmente, ampliou-se bastante o tempo despendido no deslocamento casa-trabalho-casa, com destaque para os jovens desse mesmo sexo, com idade entre 25 e 29 anos.

Por fim, sobre o tempo consumido com cuidado domiciliar, pode-se dizer que ele diminuiu muito no período entre 2003 e 2013 (15,2% considerando os jovens como um todo). Esse movimento pareceu mais evidente em meio aos jovens do sexo feminino, com destaque para aqueles entre 18 e 29 anos (neste grupo, houve uma diminuição de quase 17%). Como verificado acima, entre 2003 e 2013, o cuidado domiciliar envolveu menor proporção de jovens. Agora, acrescente-se que o tempo dedicado a isso diminuiu, mesmo para os jovens que continuaram a realizar atividades de cuidado (principalmente para aqueles do sexo feminino, de 18 a 29 anos).

GRÁFICO 9

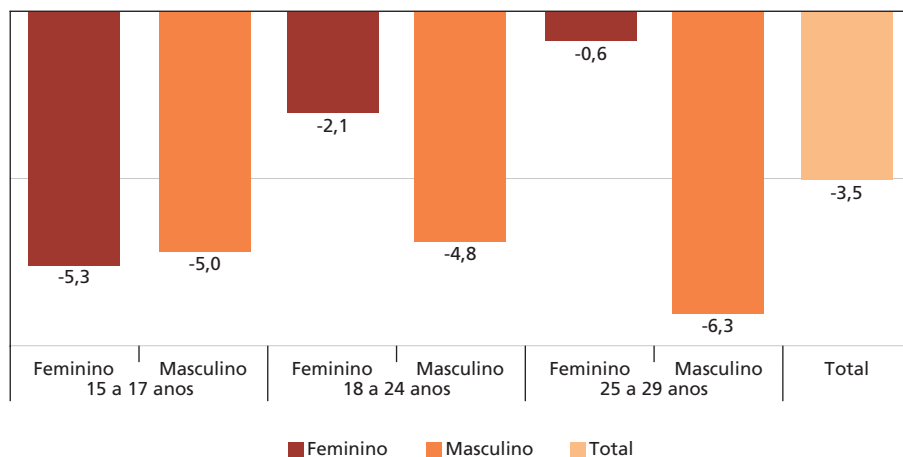
Varição da média do tempo consumido diariamente por jovens com o estudo (2013-2003)
(Em %)



Fonte: Microdados da Pnad/IBGE 2003 e 2013.
Elaboração dos autores.

GRÁFICO 10

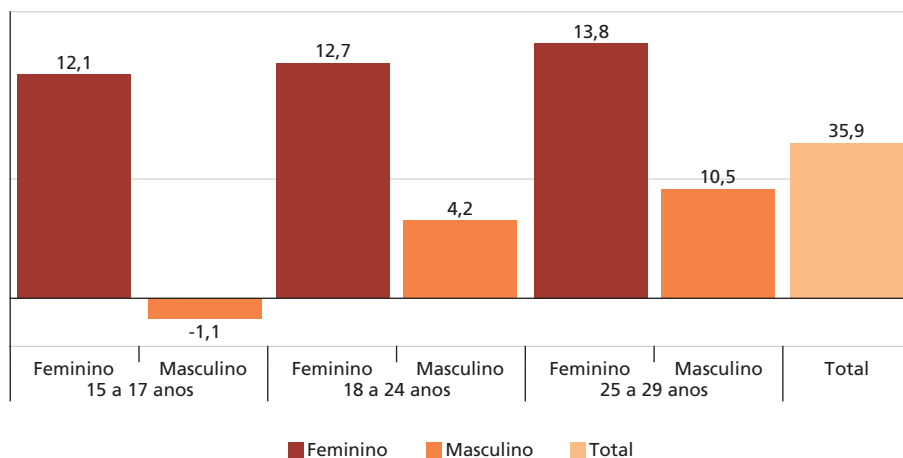
Varição da média do tempo consumido diariamente por jovens com o trabalho (2013-2003)
(Em %)



Fonte: Microdados da Pnad/IBGE 2003 e 2013.
Elaboração dos autores.

GRÁFICO 11

Varição da média do tempo consumido diariamente por jovens com o deslocamento (2013-2003)
(Em %)

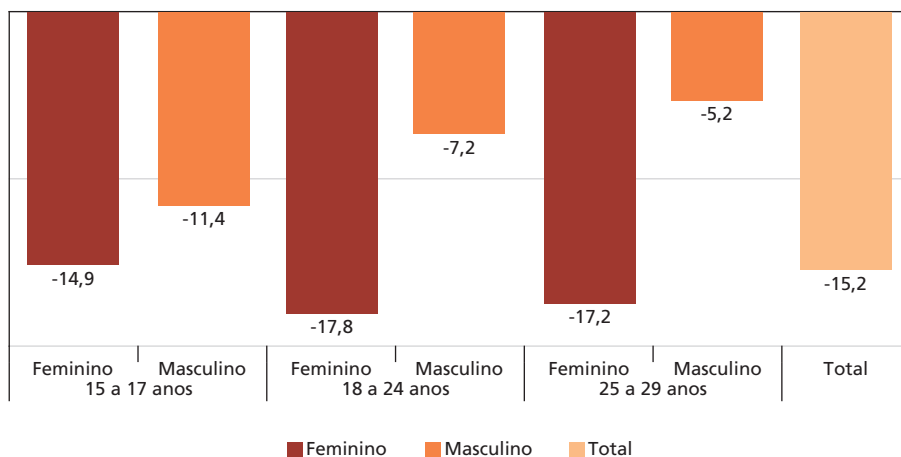


Fonte: Microdados da Pnad/IBGE 2003 e 2013.
Elaboração dos autores.

GRÁFICO 12

Varição da média do tempo consumido diariamente por jovens com o cuidado domiciliar (2013-2003)

(Em %)



Fonte: Microdados da Pnad/BGE 2003 e 2013.
Elaboração dos autores.

De maneira genérica, que hipóteses podem ser aventadas para explicar essas tendências de variação nos tempos despendidos com estudo, trabalho, deslocamento e cuidado domiciliar, em meio a esses grupos de jovens entre os anos de 2003 e 2013?

De início, no que diz respeito ao tempo de trabalho, os incrementos de rendimentos (laborais e também das políticas sociais), dos jovens (e também de suas famílias), podem ter feito com que a necessidade de trabalho (ou de maior jornada, mais especificamente) se reduzisse no período.²³

No que tange ao tempo de deslocamento, os problemas de mobilidade urbana (e, especialmente, metropolitana), agravados pelas escolhas realizadas pelas políticas econômicas entre 2003 e 2013 (de incentivos à produção e ao consumo de veículos de transporte individual), podem ter resultado em sua ampliação.²⁴

Ademais, no que se refere ao tempo dedicado ao cuidado domiciliar, é possível aventar quatro hipóteses. Primeira, as transformações trazidas pela menor fecundidade, que resultaram em um menor número de crianças nos domicílios, podem ter feito

23. Evidências de aumentos de rendimentos laborais e das políticas sociais, principalmente na década de 2000, podem ser encontradas em Campos (2014) e Ulyssea e Barbosa (2013).

24. Evidências sobre os problemas de mobilidade (urbana e, especialmente, metropolitana) nos anos 2000 podem ser vistas em Carvalho e Pereira (2012), Pereira e Schwanen (2013).

com que esse tempo declinasse.²⁵ Segunda hipótese, os avanços dos serviços de cuidados voltados às crianças (como os serviços de creche), também podem ter feito com que esse tempo diminuísse.²⁶ Terceira, os avanços no consumo de bens de consumo duráveis (lavadoras, aspiradores, micro-ondas etc.), propiciados pelo aumento de rendimentos no período, também podem ter feito com que esse tempo declinasse.²⁷ E, quarta hipótese, ainda que faltem evidências empíricas sobre isso, pode ter ocorrido uma melhor divisão das atividades de cuidado domiciliar entre ambos os sexos, beneficiando os jovens do sexo feminino.

6 TEMPOS SOCIAIS HOJE

Em 2013, que patamares atingiram os tempos de estudo, trabalho, deslocamento (relacionado ao trabalho) e cuidado domiciliar, em meio a esses grupos de jovens? Os gráficos de 13 a 20, nas duas subseções seguintes, trazem algumas informações a esse respeito.

6.1. Todos os jovens

Considerando todos os grupos de jovens, percebe-se que o tempo médio consumido no estudo foi de 3,99 horas diárias em 2013, sendo que esse número variou muito pouco de acordo com a idade e o sexo. Na verdade, isso ocorreu devido ao modo como a informação sobre esse tempo foi calculada neste estudo (ela derivou de uma pura e simples imputação, realizada de acordo com o tipo de escolarização com que os jovens se encontravam envolvidos).²⁸

O tempo médio despendido no trabalho, por sua vez, foi de 8,03 horas diárias – apenas um pouco acima do limite da jornada ordinária, definido na regulação do vínculo assalariado registrado.²⁹ Contudo, esse número oscilou bastante, se mostrando superior no caso dos jovens com mais idade, bem como no caso daqueles do sexo masculino. Apenas como comparação, o tempo de trabalho para as jovens de 15 a 17 anos foi de 6,14 horas diárias, assim como foi de 8,64 horas para os jovens de 25 a 29 anos (40,7% superior).

25. Evidências a respeito do menor nível de fecundidade e do menor número de crianças podem ser examinadas em Camarano e Kanso (2012).

26. Evidências dos avanços na oferta de serviços de creche no país podem ser observadas no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) (2014).

27. Evidências acerca da disseminação de bens de consumo duráveis pelos domicílios na década de 2000 podem ser consultadas em Carvalho e Ribeiro (2012).

28. O tempo consumido no estudo diminuiu um pouco ao passar de 15-17 anos a 25-29 anos por conta do maior número de jovens envolvidos com a alfabetização/educação de jovens/adultos nesta última faixa etária. De acordo com a definição adotada neste trabalho, para realizar a imputação do tempo de estudo, a alfabetização/educação de jovens/adultos contou com carga horária reduzida, quando comparada com as demais modalidades de estudo.

29. Que é o tipo de vínculo básico do mercado de trabalho brasileiro, desde ao menos as primeiras décadas do século XX, como já mencionado.

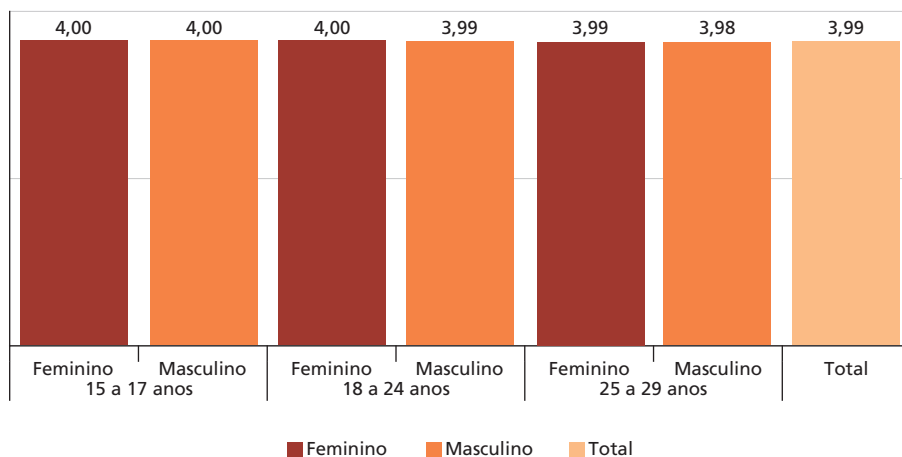
O tempo médio consumido com o deslocamento casa-trabalho-casa foi de 1,04 hora diária em 2013. Esse número não variou muito conforme o sexo, pois jovens masculinos e femininos consumiram um tempo semelhante. Mas variou um pouco de acordo com a idade, dado que jovens de 18 a 29 anos consumiram mais tempo para chegar ao trabalho e retornar dele. A título de comparação, para os jovens do sexo masculino de 15 a 17 anos, o tempo de deslocamento foi de 0,80 hora diária, ao passo que, para aqueles de 25 a 29 anos, foi de 1,09 hora (36,3% acima).³⁰

Por fim, em meio a todos os grupos de jovens, o tempo médio despendido com o cuidado domiciliar foi de 2,29 horas diárias. Mas esse número oscilou bastante, se revelando maior no caso dos jovens do sexo feminino, principalmente no caso daqueles entre 25 e 29 anos de idade. Para comparação, o tempo de cuidado com o domicílio para os jovens do sexo masculino de 15 a 17 anos foi de 1,22 hora diária, bem como foi de 3,25 horas para os jovens do sexo feminino de 25 a 29 anos (166,4% maior, o que chama a atenção sob múltiplos pontos de vista).³¹

GRÁFICO 13

Média do tempo consumido diariamente por jovens com o estudo (2013)

(Em horas)



Fonte: Microdados da Pnad/IBGE 2013.

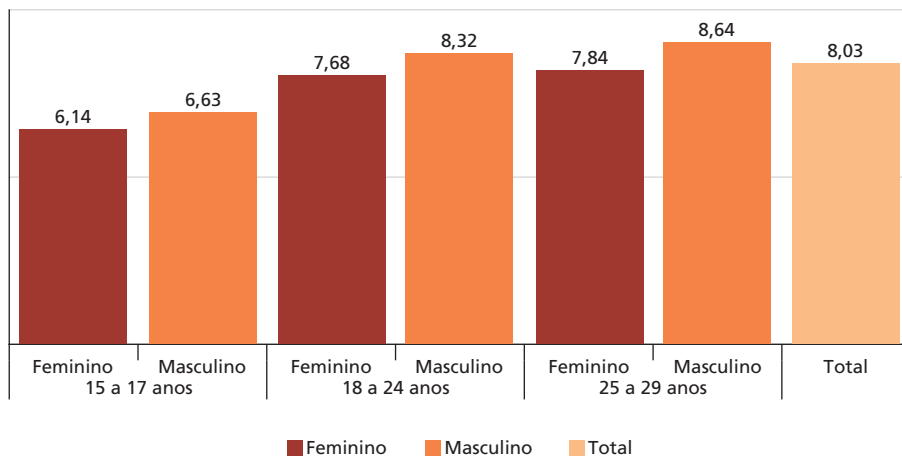
Elaboração dos autores.

30. Pode ser que essa diferença de tempo de deslocamento seja explicada pelo fato dos jovens de 15 a 17 anos terem uma inserção mais relevante em mercados de trabalho "locais" (em ocupações situadas próximas de suas casas) – ao contrário dos jovens de 18 a 29 anos, que podem ter uma inserção mais importante em mercados de trabalho "gerais" (em ocupações localizadas a alguma distância de suas casas). De toda forma, ressalte-se que isso é apenas uma hipótese, dada a falta de evidências empíricas sobre as inserções dos jovens nos diferentes mercados de trabalho.

31. A respeito das diferenças entre os tempos de cuidados domiciliares entre ambos os sexos, conferir Fontoura e Bonetti (2010) e Fontoura *et al.* (2010).

GRÁFICO 14

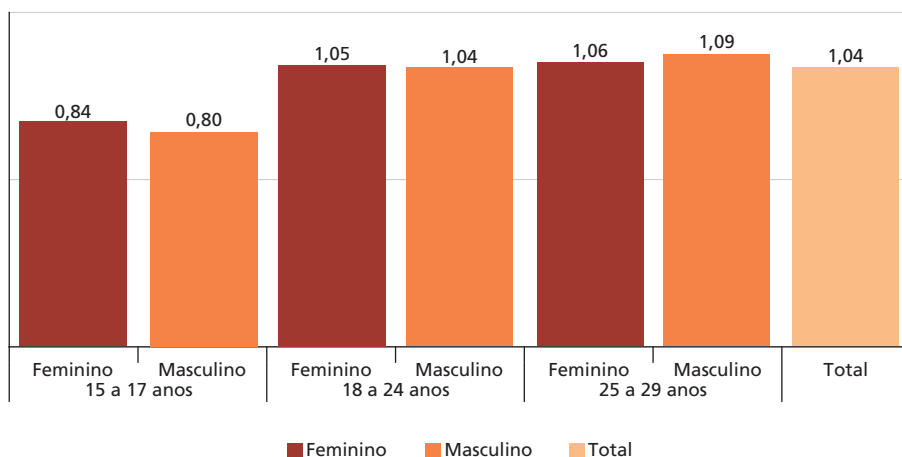
Média do tempo consumido diariamente por jovens com o trabalho (2013)
(Em horas)



Fonte: Microdados da Pnad/IBGE 2013.
Elaboração dos autores.

GRÁFICO 15

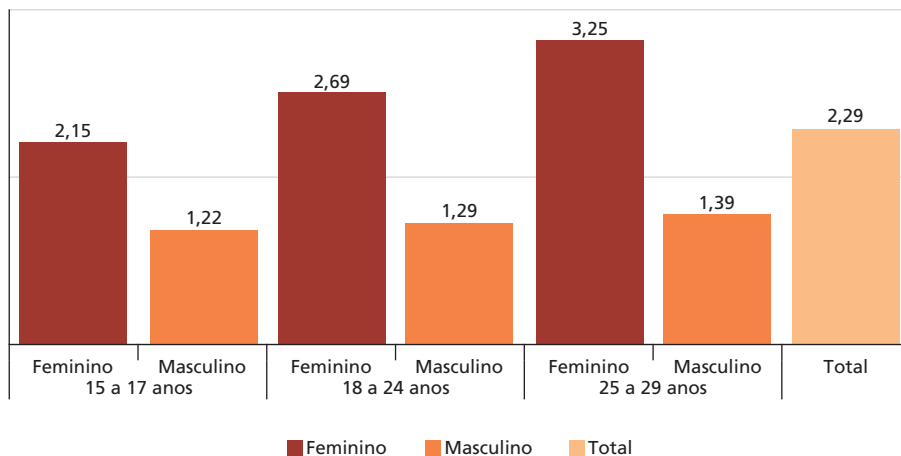
Média do tempo consumido diariamente por jovens com o deslocamento (2013)
(Em horas)



Fonte: Microdados da Pnad/IBGE 2013.
Elaboração dos autores.

GRÁFICO 16

Média do tempo consumido diariamente por jovens com o cuidado domiciliar (2013)
(Em horas)



Fonte: Microdados da Pnad/IBGE 2013.
Elaboração dos autores.

6.2 Alguns grupos específicos de jovens

Na subseção anterior, a ideia foi analisar os tempos de estudo, trabalho, deslocamento (relacionado ao trabalho) e cuidado domiciliar de todos os jovens, definidos em grupos de idade e sexo. Ou seja, para os que estudavam, verificaram-se os tempos de estudo. Para os que trabalhavam, examinaram-se os tempos de trabalho e de deslocamento. E, para os que cuidavam do domicílio, averiguaram-se os tempos de cuidado.

Nesta subseção, a ideia é ligeiramente distinta, pois se trata de focar alguns grupos específicos de jovens que, dadas suas “qualidades” (por exemplo, acumular a realização de mais de uma atividade), podem despertar interesse analítico, a despeito de considerações sobre suas “quantidades” (dentro do conjunto de todos os jovens do Brasil urbano).

Esses grupos específicos são os seguintes: *i*) jovens que estudam, trabalham, se deslocam e participam do cuidado domiciliar; *ii*) jovens que estudam, não trabalham e não participam do cuidado domiciliar; *iii*) jovens que não estudam, trabalham, se deslocam para o trabalho, mas não participam do cuidado domiciliar; *iv*) jovens que não estudam, não trabalham, mas participam do cuidado domiciliar.

Nesta subseção, cada um desses quatro grupos é seccionado por idade e sexo, mas cada um de seus diferentes tempos não é especificado. Ao invés de analisar o tempo de estudo, de trabalho, de deslocamento e de cuidado domiciliar, opta-se

por analisar o tempo total envolvido nessas atividades, que é despendido diariamente pelos jovens de cada um dos quatro grupos mencionados.

Dessa maneira, no que diz respeito ao grupo dos jovens que, no ano de 2013, estudaram, trabalharam, se deslocaram e participaram do cuidado domiciliar (grupo 1), nota-se que eles contaram com jornadas muito extensas, que corresponderam a 13,55 horas diárias em seu conjunto.³² Esse número oscilou de acordo com a idade (essa jornada aumentou, passando-se dos jovens de 15 a 17 para os de 25 a 29 anos), bem como segundo o sexo (ela foi maior para os jovens do sexo feminino, basicamente por conta do tempo de cuidado domiciliar).

Quanto ao grupo de jovens que estudaram, mas não trabalharam nem participaram do cuidado domiciliar (grupo 2), percebe-se que eles apresentaram jornadas curtas (por volta de quatro horas diárias em seu conjunto) e pouco variaram segundo a idade e o sexo (devido ao modo como a informação sobre esse tempo foi calculada neste estudo, tal como já exposto).

No que concerne ao grupo dos jovens que não estudaram, trabalharam, se deslocaram, mas não participaram do cuidado domiciliar (grupo 3), observa-se que eles contaram com jornadas mais extensas, que equivaleram a 9,58 horas diárias em seu conjunto. Esse número oscilou, em maior grau, por conta da idade (essa jornada aumentou, passando-se dos jovens de 15 a 17 para os de 25 a 29 anos) e, em menor grau, por conta do sexo (ela foi um pouco maior para os jovens do sexo masculino, principalmente devido ao tempo de trabalho).

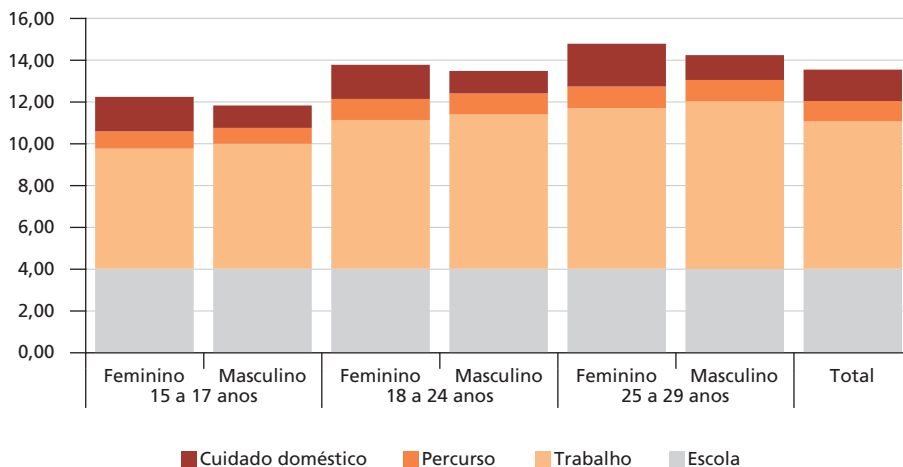
Sobre os jovens que, no ano de 2013, não estudaram, não trabalharam, mas participaram do cuidado com o domicílio (grupo 4), vê-se que eles apresentaram jornadas até curtas (por volta de 3,51 horas diárias em seu conjunto), mas que variaram muito de acordo com a idade (essa jornada aumentou, passando-se dos jovens de 15 a 17 para os de 25 a 29 anos) e o sexo (ela foi bem maior para os jovens do sexo feminino).³³

32. Destaque-se que a duração dessas jornadas indica o pouco tempo disponível para o restante das atividades cotidianas dos jovens (inclusive para aquelas que integram o seu ciclo vital, como a alimentação e o descanso).

33. Ressalte-se que esse tempo de cuidado domiciliar, por reduzido que pareça (e por mais que tenha diminuído ao longo dos anos 2000, como já visto), não é propriamente trivial no cotidiano dos jovens (e das jovens, em especial).

GRÁFICO 17

Média do tempo total consumido diariamente por jovens do grupo 1 (2013)
(Em horas)



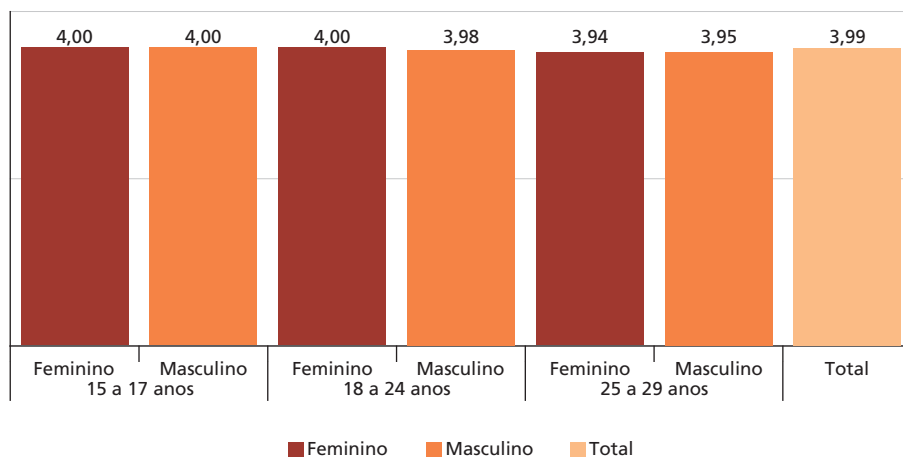
Fonte: Microdados da Pnad/IBGE 2013.

Elaboração dos autores.

Obs.: Grupo 1 – jovens que estudam, trabalham, se deslocam e participam do cuidado domiciliar; Grupo 2 – jovens que estudam, não trabalham e não participam do cuidado domiciliar; Grupo 3 – jovens que não estudam, trabalham, se deslocam para o trabalho, mas não participam do cuidado domiciliar; Grupo 4 – jovens que não estudam, não trabalham, mas participam do cuidado domiciliar.

GRÁFICO 18

Média do tempo total consumido diariamente por jovens do grupo 2 (2013)
(Em horas)



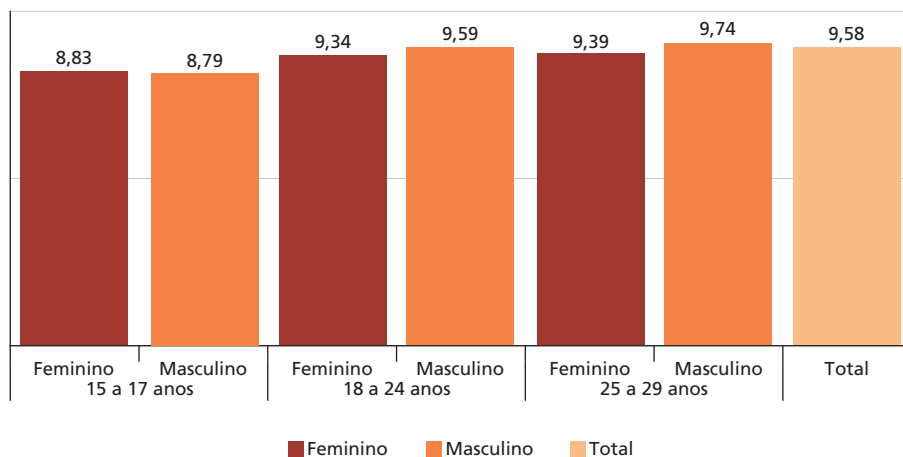
Fonte: Microdados da Pnad/IBGE 2013.

Elaboração dos autores.

Obs.: Grupo 1 – jovens que estudam, trabalham, se deslocam e participam do cuidado domiciliar; Grupo 2 – jovens que estudam, não trabalham e não participam do cuidado domiciliar; Grupo 3 – jovens que não estudam, trabalham, se deslocam para o trabalho, mas não participam do cuidado domiciliar; Grupo 4 – jovens que não estudam, não trabalham, mas participam do cuidado domiciliar.

GRÁFICO 19

Média do tempo total consumido diariamente por jovens do grupo 3 (2013)
(Em horas)



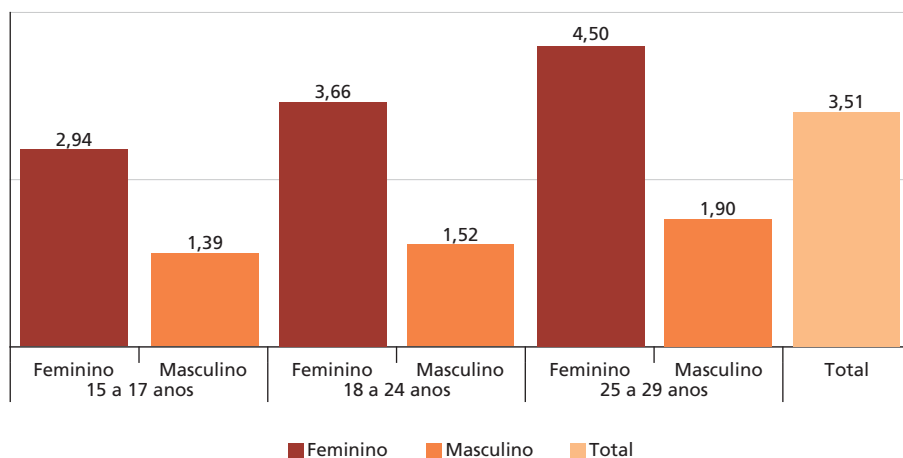
Fonte: Microdados da Pnad/IBGE 2013.

Elaboração dos autores.

Obs.: Grupo 1 – jovens que estudam, trabalham, se deslocam e participam do cuidado domiciliar; Grupo 2 – jovens que estudam, não trabalham e não participam do cuidado domiciliar; Grupo 3 – jovens que não estudam, trabalham, se deslocam para o trabalho, mas não participam do cuidado domiciliar; Grupo 4 – jovens que não estudam, não trabalham, mas participam do cuidado domiciliar.

GRÁFICO 20

Média do tempo total consumido diariamente por jovens do grupo 4 (2013)
(Em horas)



Fonte: Microdados da Pnad/IBGE 2013.

Elaboração dos autores.

Obs.: Grupo 1 – jovens que estudam, trabalham, se deslocam e participam do cuidado domiciliar; Grupo 2 – jovens que estudam, não trabalham e não participam do cuidado domiciliar; Grupo 3 – jovens que não estudam, trabalham, se deslocam para o trabalho, mas não participam do cuidado domiciliar; Grupo 4 – jovens que não estudam, não trabalham, mas participam do cuidado domiciliar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho dedicou-se aos tempos sociais, consumidos em atividades típicas do cotidiano, que compõem um rol bastante extenso, incluindo o estudo, o trabalho, o deslocamento, o culto, o associativismo, o desporto, o lazer etc. (sem falar em coisas intrínsecas ao ciclo vital, como a alimentação e o descanso).

Diante desse rol extenso, restringiu-se o foco às seguintes atividades: estudar, trabalhar (e se deslocar para trabalhar), bem como cuidar do domicílio. A ideia foi analisar a duração e, ademais, a composição dos tempos dedicados pelos jovens de 15 a 29 anos de idade, de ambos os sexos, a essas atividades.

Para tanto, em primeiro lugar, coletaram-se informações sobre a *participação* desses jovens em atividades de estudo, trabalho e cuidado com o domicílio. Entre os anos de 2003 e 2013:

- diminuiu-se a proporção dos que frequentavam a escola. Mas isso ocorreu por conta daqueles entre 18 e 29 anos, já que, em meio àqueles entre 15 e 17 anos, a frequência até aumentou um pouco. Em 2013, 35,9% dos jovens frequentavam a escola, fração que diminuía com a idade e aumentava em meio ao sexo feminino;
- ampliou-se ligeiramente a fração dos jovens que se encontravam ocupados. Isso se deveu àqueles de 18 a 29 anos (destacando-se os jovens do sexo feminino); sendo que, entre aqueles de 15 a 17 anos, reduziu-se a ocupação (especialmente em meio aos do sexo masculino). Em 2013, os jovens que trabalhavam correspondiam a 57,0%, proporção que se ampliava com a idade e em meio ao sexo masculino (ainda que o trabalho feminino é que tenha avançado no período estudado);
- diminuiu-se a fração de jovens envolvidos com o cuidado domiciliar. Isso ocorreu junto a todas as idades e a ambos os sexos, mas se mostrou particularmente evidente entre os jovens de 15 a 24 anos e do sexo feminino. Apesar dessa diminuição, em 2013, 61,3% dos jovens ainda se dedicavam ao cuidado domiciliar, fração que aumentava com a idade e, em particular, em meio ao sexo feminino.

Em segundo lugar, neste trabalho, levantaram-se dados sobre a *variação dos tempos* de estudo, trabalho, deslocamento e cuidado domiciliar em meio a esses grupos de jovens, entre 2003 e 2013.

- Ainda que se tenha reduzido a proporção de jovens na escola entre 18 e 29 anos, o tempo despendido com estudo se ampliou um pouco para todos os que nela se mantiveram, com destaque para os jovens do sexo feminino.

- Apesar de ter aumentado a fração de jovens que estavam ocupados, principalmente em meio aos grupos femininos de 18 a 29 anos, diminuiu o tempo consumido por tais jovens no trabalho, ainda que de forma moderada.
- Além de ter se ampliado a fração de jovens ocupados, especialmente os do sexo feminino, ampliou-se bastante o tempo por eles despendido no deslocamento casa-trabalho-casa, com destaque para os jovens desse mesmo sexo.
- O cuidado domiciliar envolveu menor proporção de jovens e, ademais, o seu tempo diminuiu, mesmo para os jovens que continuaram a realizar essa atividade (principalmente para aqueles do sexo feminino, de 18 a 29 anos).

Em terceiro lugar, neste trabalho, recolheram-se informações sobre os *tempos* de estudo, trabalho, deslocamento e cuidado domiciliar em meio a esses grupos de jovens, no ano de 2013. Por um lado, considerando todos os grupos de jovens, nota-se que:

- o tempo consumido no estudo foi de 3,99 horas diárias, sendo que esse número variou muito pouco de acordo com a idade e o sexo;
- o tempo despendido no trabalho, por sua vez, foi de 8,03 horas diárias, mas esse número se mostrou superior no caso dos jovens com mais idade, bem como no caso daqueles do sexo masculino;
- o tempo consumido com o deslocamento foi de 1,04 hora diária, sendo que esse número não variou muito conforme o sexo, mas variou um pouco de acordo com a idade, dado que jovens entre 18 e 29 anos levaram mais tempo para se deslocar;
- o tempo despendido com o cuidado domiciliar foi de 2,29 horas diárias, sendo que esse número se revelou maior no caso dos jovens do sexo feminino, principalmente no caso daqueles entre 25 e 29 anos de idade.

Por outro lado, levando em consideração apenas grupos específicos de jovens, se percebe que:

- em meio aos jovens que simultaneamente estudaram, trabalharam, se deslocaram e cuidaram do domicílio, o tempo total consumido foi de 13,55 horas diárias. Esse número foi ainda superior para os jovens de 25 a 29 anos, bem como para os jovens do sexo feminino (devido ao tempo de cuidado domiciliar).

A título de considerações finais, entre outras que as informações apresentadas permitem formular, ressaltam-se as que seguem. Em primeiro lugar, no que diz respeito à *participação* dos jovens no estudo, no trabalho e no cuidado com o domicílio, pode-se afirmar o seguinte.

- Entre 2003 e 2013, os jovens mostraram posturas distintas diante do estudo e do trabalho, conforme as faixas etárias e os sexos. Os jovens de 15 a 17 anos mantiveram estável sua participação na escola, ao passo que os de 18 a 29 anos a reduziram. Na direção contrária, os jovens de 15 a 17 anos diminuíram sua participação no trabalho, ao passo que os de 18 a 29 anos a aumentaram (com destaque para os jovens do sexo feminino). Em alguma medida, isso pode ter sido o resultado da dinâmica positiva do mercado laboral no momento analisado, que permitiu uma maior ocupação dos grupos de 18 a 29 anos e, especialmente, daqueles do sexo feminino.
- No mesmo período, os jovens mostraram posturas similares diante do cuidado com o domicílio, em todas as faixas etárias e em ambos os sexos. Os jovens reduziram bastante sua participação nesse tipo de atividade, ainda que aqueles do sexo feminino continuem apresentando acentuado envolvimento com ele (principalmente os de 25 a 29 anos). Em certa medida, a menor participação nos cuidados domiciliares pode ter sido reflexo da maior ocupação dos jovens no mercado laboral, proporcionada pela dinâmica positiva deste último. Vale recordar que os jovens do sexo feminino e com mais idade foram os que mais se engajaram nesse mercado no lapso estudado.
- Apesar dessas mudanças todas, persistiram algumas dinâmicas bastante complicadas, relacionadas à participação dos jovens no mercado de trabalho e no cuidado com o domicílio. Mencionem-se aí a maior ocupação de jovens do sexo masculino no mercado laboral, bem como a maior ocupação de jovens do sexo feminino no cuidado domiciliar. E, o que é um agravante, se essas dinâmicas continuaram a se manifestar em meio aos jovens, pode ser um sinal de que elas se projetarão para o futuro.

Em segundo lugar, no que se refere aos *tempos* de estudo, trabalho, deslocamento e cuidado com o domicílio, pode-se dizer que:

- Entre 2003 e 2013, o tempo de trabalho reduziu-se um pouco e tornou-se melhor distribuído em meio aos jovens, o que pode ser explicado, ao menos em certa medida, pela dinâmica positiva do mercado laboral no lapso estudado. Esta favoreceu uma maior ocupação dos grupos com mais idade (principalmente os femininos), bem como uma menor jornada dos que efetivamente se ocuparam.³⁴

34. Acrescente-se que as políticas sociais, ao oferecer aos jovens (e às suas famílias) rendimentos e serviços, também podem ter desempenhado um papel de relevo nessa dinâmica positiva do mercado laboral, ao permitir que os jovens se abstivessem de trabalhar (como parece ter sido o caso daqueles entre 15 e 17 anos) ou, então, que trabalhassem com uma jornada mais razoável (como parece ter sido o caso daqueles entre 18 e 29 anos).

- Por sua vez, no mesmo período, o tempo de deslocamento se ampliou bastante, tornando-se um problema ainda mais acentuado para os jovens (especialmente para os do sexo feminino), o que pode ser explicado pela dinâmica negativa da mobilidade nas áreas urbanas e metropolitanas do país. Em boa medida, esta foi resultante das políticas econômicas, adotadas pelos diversos governos entre 2003 e 2013, de incentivo à produção e ao consumo de meios de transporte individuais.
- No mesmo período, o tempo de cuidado domiciliar se reduziu e, ao que parece, se distribuiu melhor em meio aos jovens, beneficiando principalmente aqueles do sexo feminino e com mais idade (de 25 a 29 anos). Isso pode ser explicado por diversas hipóteses, relacionadas a fenômenos demográficos (retrocesso nas taxas de fecundidade), sociais (avanço nos serviços de cuidado infantil), econômicos (avanço no acesso a bens de consumo duráveis) e até culturais (melhor divisão das atividades de cuidado domiciliar entre ambos os sexos).
- Hoje, depois das transformações anteriormente vistas nos tempos sociais (com alguns aumentando e outros diminuindo), ainda é grande a duração dos tempos demandados de alguns grupos específicos de jovens, por conta de estudo, trabalho, deslocamento e cuidado com o domicílio. Essa duração é tal que, muito provavelmente, dificulta até mesmo a realização de atividades associadas ao ciclo vital (tais como se alimentar e descansar). Esse parece ser o caso dos jovens que acumulam o estudo com o trabalho, o deslocamento e o cuidado domiciliar – e, em particular, o caso daqueles de 25 a 29 anos e do sexo feminino que acumulam todas essas atividades.

Enfim, como mencionado na introdução deste trabalho, os tempos sociais são aqueles consumidos em atividades típicas do cotidiano nas áreas urbanas (atividades como estudo, trabalho, deslocamento, culto, associativismo, esporte, lazer etc.). Esses tempos podem ser analisados de um ponto de vista macro, em que se destacam as regulações sobre eles instituídas (por atores como o Estado), ou de um ponto de vista micro, em que se evidenciam as múltiplas formas pelas quais são vivenciados (ainda que sob os limites das regulações).

Com informações sobre jovens de 15 a 29 anos, de ambos os sexos, residentes nas áreas urbanas, este estudo procurou demonstrar que, apesar dessas regulações, a vivência dos tempos sociais tem sentidos diferenciados, conforme a “natureza” desses jovens. Mesmo com todas as suas insuficiências, tais informações mostram que, a depender da idade e do sexo, mudam a duração e a composição dos tempos sociais, ao menos no que se refere aos tempos de estudo, trabalho, deslocamento e cuidado domiciliar. O que, por consequência, faz com que se alterem também as maneiras dos jovens vivenciá-los em seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

- BERNARDO, J. O proletariado como produto e produtor. **Revista de Economia Política**, v. 5, n. 3, p. 83-99, 1985.
- _____. A produção de si mesmo. **Educação em Revista**, n. 9, p. 3-17, 1989.
- _____. **Economia dos conflitos sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
- _____. **Estado**: a silenciosa multiplicação do poder. São Paulo: Escrituras, 1998.
- _____. Tempos livres, livres de quê? **Pensa, Rosna, Estica, Corta**, n. 1, p. 1-7, 2006.
- CAMARANO, A. A.; KANSO, S. **Tendências demográficas mostradas pela PNAD 2011**. Brasília: Ipea, 2012.
- CAMPOS, A. G. **Trabalho e tempo livre**. Brasília: Ipea, 2012.
- _____. **Bem-estar social nos anos 1990 e 2000**: traços estilizados da história brasileira. Brasília: Ipea, 2014.
- CARDOSO, A. C. **Tempos de trabalho, tempos de não trabalho**: disputas em torno da jornada do trabalhador. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009a.
- _____. Os tempos de trabalho na sociedade contemporânea: tensos, urgentes, intensos, flexíveis e incertos. *In*: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA, 9., 2009, Rio de Janeiro, **Anais...** Rio de Janeiro: BS, 2009b.
- _____. Os trabalhadores e suas vivências cotidianas: dos tempos de trabalho e de não trabalho. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 72, p. 101-117, 2010.
- CARDOSO, A. C. *et al.* O tempo de trabalho no Brasil: o negociado e o não negociado. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DO TRABALHO, 12., 2011, João Pessoa, **Anais...** João Pessoa: Abet, 2011.
- CARVALHO, C. H.; PEREIRA, R. H. M. **Gastos das famílias brasileiras com transporte urbano público e privado no Brasil**: uma análise da POF 2003 e 2009. Brasília: Ipea, 2012.
- CARVALHO, L. M. DE; RIBEIRO, F. J. DA S. P. Indicadores de consumo aparente de bens industriais. **Carta de Conjuntura**, n. 17, p. 69-85, dez. 2012.
- CAVALCANTI, L. G. A.; PAULO, M. A.; HANY, F. E. S. **A pesquisa-piloto de uso do tempo do IBGE – 2009/2010**. Florianópolis: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/TvIUQj>>.
- FONTOURA, N. *et al.* Pesquisas de uso do tempo no Brasil: contribuições para a formulação de políticas de conciliação entre trabalho, família e vida pessoal. **Revista Econômica**, v. 12, n. 1, p. 11-46, 2010.

FONTOURA, N.; BONETTI, A. Desiguais responsabilidades familiares de homens e mulheres. *In*: _____. **Perspectivas da política social no Brasil**. Brasília: Ipea, 2010. p. 419-444.

FRACALANZA, P. S. **Redução do tempo de trabalho**: uma solução para o problema do desemprego? Campinas: Unicamp/Instituto de Economia, 2001.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Teste da Pesquisa de uso do tempo**: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA. Ministério da Educação (MEC). **Censo Escolar da Educação Básica 2013**: resumo técnico. Brasília: Inep/MEC, 2014.

LEE, S.; MCCANN, D.; MESSENGER, J. **Duração do trabalho em todo o mundo**: tendências de jornada de trabalho, legislação e políticas numa perspectiva global comparada. Brasília: OIT, 2009.

PEREIRA, R. H. M.; SCHWANEN, T. **Tempo de deslocamento casa-trabalho no Brasil (1992-2009)**: diferenças entre regiões metropolitanas, níveis de renda e sexo. Brasília: Ipea, 2013.

ROSSO, S. D. **O debate sobre a redução da jornada de trabalho**. São Paulo: Abet, 1998.

_____. Jornada de trabalho: duração e intensidade. **Ciência e Cultura**, v. 58, n. 4, p. 31-34, 2006.

_____. **Mais trabalho!** A intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

SANTOS, O. J. Novo mundo do trabalho nova pedagogia capitalista. **Trabalho & Educação**, n. 2, p. 84-92, 1997.

_____. Fundamentos da relação trabalho e educação. **Trabalho & Educação – Fundamentos da relação trabalho e educação**, n. 9, p. 27-35, 2001.

UN – DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS OF THE UNITED NATIONS. **Guide to producing statistics on time use**: measuring paid and unpaid work. New York: United Nations, 2004.

ULYSSEA, G.; BARBOSA, A. L. H. **Um retrato de duas décadas do mercado de trabalho brasileiro utilizando a Pnad**. Brasília: Ipea, 2013.

UNITED STATES OF AMERICA – UNITED STATES DEPARTMENT OF LABOR. **American Time Use Survey User's Guide**. Washington: Bureau of Labor Statistics, 2014.

